



SUSTENTABILIDADE

A busca de soluções e práticas para um mundo melhor



ENTREVISTA

Fabio Feldmann:

“as alianças entre os setores empresarial e público e sociedade é que vão viabilizar o desenvolvimento sustentável”



Biodiesel

Em busca da sustentabilidade socioeconômico ambiental

■ **Serra da Canastra**
Ameaça ou solução?

■ **Café Orgânico**
Minas sai na frente e conquista novos mercados

Fabio Feldmann

Ambientalista, consultor de meio ambiente e sustentabilidade

Governo, Congresso e sociedade precisam assumir seus papéis

Quando tudo parece caminhar para um país mais responsável em termos de preservação do meio ambiente, surgem decisões que colocam o governo na defensiva. O ambientalista e ex-deputado Fabio Feldmann cobra de deputados e senadores, além da iniciativa privada, ações mais decisivas para preservar o que ainda resta da natureza no Brasil. E acena para a importância da sociedade civil organizada, ONGs e universidades na cobrança de posições e assessoramento, para que os rumos possam ser corrigidos, enquanto é tempo

Formado em administração de empresas pela Faculdade Getúlio Vargas e em direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, Fabio Feldmann começou sua trajetória como ambientalista na década de 70, participando ativamente em algumas lutas locais em São Paulo. Ganhou notoriedade ao se engajar na questão de Cubatão, no início da década de 80. Colaborou para a fundação de muitas ONGs, inclusive da SOS Mata Atlântica. Ao se tornar um expoente dos movimentos ecológicos, decidiu candidatar-se à Assembleia Nacional Constituinte, e foi elevado à condição de legislador. Momento de destaque no trabalho como ativista, como político e ambientalista, veio com a participação na delegação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Rio 92, e desde então o engajamento nas principais questões ambientais no Brasil e no mundo. Mais recentemente, há pelo menos dez anos, envolveu-se com a questão do aquecimento global, tema que tem estreita ligação com a sobrevivência da raça humana e do planeta como um todo. Atualmente, sua principal atividade é a de consultor sobre meio ambiente e sustentabilidade para empresas e ONGs. Em entrevista à Ecogeraes, Fábio Feldmann, diz o que pensa sobre as ações de governo e o que é preciso fazer para preservar o meio ambiente no Brasil.

Ecogeraes - Como um dos principais

responsáveis pela existência da SOS Mata Atlântica, qual a sua avaliação das ações governamentais na preservação dos resquícios de mata atlântica? E qual o papel das ONGs nesse trabalho?

Feldmann - O crescimento e o reconhecimento do papel da sociedade civil são um dos grandes avanços em todo o mundo na direção do que eu chamo de uma cidadania planetária, não só no Brasil. Mas esse é um movimento que representa uma tendência mundial e o Brasil, em termos de organização de sociedade civil, é um país que tem bastante massa crítica. Quer dizer, já temos uma sociedade civil organizada. O grande problema no Brasil, e em muitos países, é que no setor governamental nós temos ainda dificuldades de integralizar a dimensão ambiental ou mesmo a dimensão socioambiental. Os governos não têm respondido à altura os desafios que nós temos enfrentado. Na questão da Mata Atlântica não é diferente. Depois de 14 anos tramitando no Congresso Nacional, só no final do ano passado que foi aprovada sua lei, e o que nós vimos até agora é que o Governo Federal e mesmo os governos estaduais estão rigorosamente despreparados para operar e garantir o cumprimento da legislação. Além disso, os governos têm uma dificuldade de entender as oportunidades que a conservação ambiental traz. Quer dizer, a conservação ambiental num mundo

globalizado pode trazer uma possibilidade de uso sustentável dos biomas e especificamente do bioma da Mata Atlântica. O Brasil poderia ser uma referência em termos de ecoturismo, em termos de uso sustentável da biodiversidade e, infelizmente até o momento, o País não percebeu esta oportunidade.

Ecogeraes - O senhor pediu ao presidente Lula que o afastasse das funções que exercia no Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Quais razões o levaram a tomar esta decisão?

Feldmann - O Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas foi criado no ano 2000 com o objetivo claro de engajar a sociedade brasileira no tema do aquecimento global e o Brasil na liderança das negociações desse tema. O Fórum foi formado pelo presidente Fernando Henrique e, quando o

vezes, inclusive pessoalmente, que foi ele que levantou o tema da pobreza. E que se levantasse o tema do aquecimento global ele seria certamente um novo Nelson Mandela.

Ecogeraes - Por que o conceito de sustentabilidade não está na base das posições adotadas pelo Congresso ou pelo governo central nas suas tomadas de decisões?

Feldmann - Eu acredito claramente que há um descompasso entre a maior parte dos atores sociais da sociedade brasileira e os atores sociais governamentais, quer dizer o Congresso Nacional. Os políticos brasileiros têm uma enorme dificuldade de compreender o caráter estratégico da sustentabilidade. A sustentabilidade é o passaporte para que o Brasil possa efetivamente se inserir num mundo globalizado; do ponto de vista econômico, eu acho que é uma

“ Em relação à divisão do IBAMA, eu sou favorável. Mas ela não ataca o ponto principal que é exatamente a fragilidade institucional do Governo Federal para fazer frente aos problemas ambientais existentes ”

estratégia e um requisito fundamental para que o País se insira num mundo em que a competitividade é muito importante. Entretanto, o que nós vemos é que o Congresso brasileiro e o Governo Federal e os governos, com raras exceções, estão atrás da sociedade, eles não conseguiram compreender que nós temos que inserir esta dimensão e que, no momento em que o Brasil for capaz de fazer isso, ele terá uma grande vantagem competitiva com os outros países. Peguemos o exemplo da China. Nós não temos como competir com a China em termos de custos de mão-de-obra, mas o Brasil, se incorporar esta dimensão, certamente vai ter na exportação de seus produtos e de seus serviços um agregado que poderá ser o seu grande diferencial.

Ecogeraes - No seu entendimento, por que não se adotam medidas efetivas de conservação da biodiversidade no país? Ainda mais quando se percebe que o aquecimento global e outros efeitos desastrosos das ações humanas estão colocando em risco essa enorme riqueza do país.

Feldmann - Para que você possa aproveitar o potencial da biodiversidade brasileira, tem que se entender o que eu disse um pouco antes, que o país é o portador destes ativos. Ele tem um patrimônio imenso e se souber usar esse patrimônio ele estará agregando valor para as presentes e futuras gerações. Entretanto, as políticas públicas brasileiras são muito de curto prazo, não se tem uma perspectiva de médio e longo prazo, de maneira geral. No que tange à biodiversidade, muito menos. Estamos assistindo à dilapidação dos grandes biomas brasileiros, pela expansão do agrobusiness e da fronteira agrícola, ou seja, muitas vezes por ausência do estado que permite ações criminosas de grileiros associados a madeireiros, com todos os prejuízos para o país. O Brasil tem diante de si uma grande oportunidade que não está sabendo aproveitar, fundamentalmente pela falta de perspectiva em médio prazo e ação política no sentido grande da palavra.



presidente Lula entrou, eu permaneci durante praticamente dois anos. Eu saí do Fórum exatamente porque o que ficou claro pra mim é que, pessoalmente, o presidente Lula, que é o presidente do Fórum, não se demonstrou sensível ao tema do aquecimento global. Praticamente, em dois anos, o Fórum não se reuniu nenhuma vez, e eu diria que até internacionalmente o Brasil está perdendo liderança nesse tema. Há uma enorme expectativa que o Brasil assuma uma liderança que já teve. Que o Brasil seja a grande referência no sentido de dar exemplo e ser propositivo, inclusive porque somos hoje o quarto país emissor de gás que provoca o efeito estufa do planeta, em função do desmatamento da Amazônia. E, no caso específico do presidente Lula, eu já disse muitas

Ecogeraes - O governo anunciou há poucos dias a redução do desmatamento da Amazônia em 30%. O que se entende é que houve uma redução, não estancamento da devastação. Como o senhor avalia isso?

Feldmann - Em primeiro lugar, o Brasil está desmatando o complexo ecológico da Amazônia com taxas absolutamente inaceitáveis. Há praticamente 20 anos que o Brasil tem uma taxa que vai de 18.000 km² a 25.000 km². A grande discussão com a sociedade brasileira é a seguinte: temos que reduzir dramaticamente a velocidade dessa taxa de desmatamento e destruição da Amazônia. Com relação à queda, eu acho importante que tenha sido verificada. É uma tendência importante, mas acho que é muito cedo para se ter certeza de que ela se deveu a uma ação e ao esforço governamental e não ao valor baixo das commodities no mercado internacional. Tem que se alçar a ação do Ministério do Meio Ambiente no sentido de tentar impor uma queda nesse desmatamento, mas é muito prematuro atribuir essa queda à ação do governo e não à diminuição do valor das commodities no mercado internacional.

Ecogeraes - Outro assunto que levantou polêmica foi o anúncio da subdivisão do Ibama, com sensível redução dos agentes do instituto e encerramento das atividades de várias unidades em todo o país. Que conseqüências isso pode trazer diante das dificuldades que já se sabe que existem para fiscalizar as agressões e crimes ambientais no país?

Feldmann - Quero dizer que, em relação à divisão do IBAMA, quanto ao mérito, sou favorável. Nós tínhamos e temos ainda que redesenhar institucionalmente o modelo de ação do Governo Federal no campo ambiental e de sustentabilidade. A primeira mudança foi feita, mas ela não

“ Estamos assistindo à dilapidação dos grandes biomas brasileiros, seja pela expansão do agrobusiness e a expansão da fronteira agrícola, ou seja, muitas vezes por ausência do Estado que permite ações criminosas de grileiros associados a madeireiros, com todos os prejuízos para o país ”

ataca o ponto principal que é exatamente a fragilidade institucional do Governo Federal para fazer frente aos problemas ambientais existentes. Assistimos, nos últimos anos, a um crescimento muito grande, por exemplo, das áreas protegidas no Brasil, sem que isso venha acompanhado de um aumento de contingente dos servidores públicos ou mesmo de estratégias de parcerias com outros atores sociais. Portanto, é uma mudança importante, mas ela em si mesma é rigorosamente insuficiente para fazer frente aos problemas ambientais a que estamos assistindo. Penso que o processo, talvez, da divisão do IBAMA tenha sido feito sem uma consulta necessária, mais aprofundada da sociedade, mas em si ela é uma medida importante.

Foto: Alex Brum



Ecogeraes - É fácil perceber que as ações de proteção e denúncias de crimes ambientais normalmente partem de ONGs ou entidades civis organizadas, ou mesmo pelo Ministério Público, sem encontrar eco em ações concretas do governo ou do legislativo. Por que isso?

Feldmann - Primeiro, quando se fala de crimes ambientais no Brasil, é importante registrar que nós não conseguimos limitar a impunidade existente na esfera meio ambiente. Quer dizer, o IBAMA aplica as multas e apenas 1% dessas multas são cobradas. Do ponto de vista de jurisprudência, passados todos estes anos, nós ainda não conseguimos cassar a impunidade daqueles que praticam delitos ambientais, ou seja, o Brasil precisa ter uma ação mais eficaz no sentido de coibir efetivamente os crimes ambientais, e fazer cumprir a lei desses crimes, que é de 1998, que está prestes a completar dez anos. Do ponto de vista do legislativo, há que se ampliar a participação de parlamentares no Congresso brasileiro. Eles, efetivamente, precisam engajar-se na questão ambiental. Eu creio que o legislativo brasileiro tem sido marcado por interesses corporativos, ou seja, toda vez que você tem uma iniciativa, o que entra em jogo é o interesse desta ou daquela corporação. O Congresso brasileiro não avança no que tange a meio ambiente, patrimônio cultural, consumidor. O que vemos é um Congresso preguiçoso, sequestrado por interesses contra o avanço legislativo. Temos que convencer a sociedade brasileira, inclusive, que ela tem que melhorar a qualidade do voto, ou seja, o eleitor brasileiro tem que entender que ele tem uma enorme responsabilidade na escolha dos representantes do legislativo. E no que se refere ao tema ambiental, tem que haver uma ampliação daqueles que representam legitimamente as bandeiras de meio ambiente e bandeiras do consumidor.

Ecogeraes - Qual o papel das universidades, como suporte para ações de governo ou do Congresso, na elaboração de leis ou decisões a favor da preservação do que resta dos biomas no país?

Feldmann - A Constituição brasileira, que vai completar 20 anos ano que vem, considera patrimônio nacional o pantanal, a floresta amazônica, a zona costeira, mas deixou de considerar, infelizmente, o cerrado e a caatinga. Portanto, em relação à maior parte dos biomas, há necessidade que haja legislações que definam os usos sustentáveis possíveis, e nesse sentido eu entendo que as universidades brasileiras têm um papel absolutamente primordial, ou seja, são

questões que exigem o conhecimento científico, o conhecimento dos biomas propriamente ditos, para que você possa indicar quais são os usos que podem esses biomas suportar, de maneira que a sustentabilidade seja assegurada. Só para dar um exemplo, o único bioma que teve uma lei regulamentando seu uso é a Mata Atlântica. Portanto, os outros biomas não têm um marco regulatório que indique quais são os usos permitidos e quais os usos insustentáveis e, portanto, quais os que deveriam ser proibidos.

Ecogeraes - Como o senhor avalia a contribuição do Brasil como um produtor de biodiesel na sustentabilidade?

Feldmann - A energia renovável é importante no combate ao aquecimento global. Desse modo, eu acho que o Brasil tem bons exemplos para o mundo, especialmente no que tange ao álcool etanol. Entretanto, nós temos que ter clareza de que a

ampliação da produção ou a produção do biodiesel deve ser feita com outro cuidado, porque, se de um lado ela pode ajudar a reduzir o aquecimento global, por outro, se a produção de biodiesel não for feita com critérios claros de sustentabilidade, ela pode ter um impacto muito negativo e

efeitos devastadores em relação a alguns biomas.

Ecogeraes - Qual o caminho para estabelecer um diálogo entre sociedade, empresas e órgãos públicos sobre "crescimento sustentável"?

Feldmann - Eu diria que a única viabilidade possível para o desenvolvimento sustentável está na capacidade de alianças estratégicas entre setor empresarial esclarecido, setor público e sociedade civil. Caso não tenhamos a capacidade de estabelecer estas alianças estratégicas, será muito difícil no Brasil e no mundo nós caminharmos na direção do desenvolvimento sustentável. Acredito que nos últimos 20 anos houve uma mudança radical de visão quanto ao papel desses atores. De um lado, existe hoje clareza de que o setor empresarial tem um papel a ser exercido e é um papel que remete ao econômico. O setor empresarial tem responsabilidade com a sustentabilidade. Por outro, a sociedade civil, como já falei, e as ONGs têm um reconhecimento da sua importância em termos de uma ação complementar aos governos. E os governos e o poder público têm papel também muito estratégico no sentido de decidir marcos regulatórios, de exercer papel fiscalizador. Portanto, essas alianças e o desenho dessas alianças é o que vai viabilizar o desenvolvimento sustentável no Brasil e no mundo. ●

“ O Congresso brasileiro não avança no que tange a meio ambiente, patrimônio cultural, consumidor. O que vemos é um Congresso preguiçoso, sequestrado por interesses contra o avanço legislativo ”